

**P. D.** MORTE EM  
PEMBERLEY  
**JAMES**

TRADUÇÃO  
Sonia Moreira

---

Copyright © 2011 by P. D. James

Proibida a venda em Portugal  
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*Death Comes to Pemberley*

Capa  
*Elisa von Randow*

Foto de capa  
*Stephen Spraggon/ Getty Images*

Preparação  
*Lígia Azevedo*

Revisão  
*Adriana Cristina Bairrada*  
*Marise Leal*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

James, P. D.

Morte em Pemberley / P. D. James ; tradução Sonia  
Moreira. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2013.

Título original: *Death Comes to Pemberley*  
ISBN 978-85-359-2243-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa)  
I. Título.

13-01488

CDD-823.0872

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura inglesa 823.0872

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## *Sumário*

Nota da autora, 9

PRÓLOGO: Os Bennet de Longbourn, 11

LIVRO UM: A véspera do baile, 23

LIVRO DOIS: O corpo na floresta, 71

LIVRO TRÊS: A polícia em Pemberley, 115

LIVRO QUATRO: O inquérito, 163

LIVRO CINCO: O julgamento, 233

LIVRO SEIS: Gracechurch Street, 287

EPÍLOGO, 331

PRÓLOGO

*Os Bennet de Longbourn*

Era opinião geral entre os membros da população feminina de Meryton que o sr. e a sra. Bennet haviam sido brindados pela sorte ao conseguir casar quatro de suas cinco filhas. Meryton, uma pequena cidade comercial do condado de Hertfordshire, não consta da rota de nenhuma viagem de recreação, não tendo nem beleza natural nem uma história ilustre. Sua única mansão senhorial, Netherfield Park, embora admirável, não é mencionada nos livros que tratam da notável arquitetura do condado. A cidade dispõe de um salão de reuniões público, onde bailes são realizados regularmente, mas não conta com nenhum teatro, e os principais entretenimentos se dão em casas particulares, onde o tédio dos jantares sociais e das mesas de uíste, sempre na companhia das mesmas pessoas, é aliviado pelos mexericos.

Uma família com cinco filhas solteiras por certo inspira a preocupação compassiva de todos os vizinhos, em especial onde outras distrações são escassas, e a situação dos Bennet era particularmente dramática. Na ausência de um herdeiro do sexo masculino, a propriedade do sr. Bennet seria legada ao primo dele, o reverendo William Collins, que, como a sra. Bennet gostava de lamentar aos brados, poderia expulsar a ela e suas filhas da casa antes mesmo que o corpo de seu marido tivesse esfriado no túmulo. Era preciso reconhecer, porém, que o sr. Collins havia tentado atenuar esse revés da forma que estava ao seu alcance. Apesar da inconveniência e com a aprovação de sua vene-

randa protetora, Lady Catherine de Bourgh, ele havia deixado sua paróquia em Hunsford, no condado de Kent, para visitar os Bennet com a caridosa intenção de escolher uma noiva para si entre as cinco filhas do casal. Tal intenção foi recebida com entusiástica aprovação pela sra. Bennet, que, no entanto, o advertiu de que a srta. Bennet, sua filha mais velha, provavelmente ficaria noiva em breve. Quando ele então escolheu Elizabeth, a segunda em idade e beleza, sua proposta foi rejeitada de forma categórica, o que o fez buscar uma resposta mais benevolente para sua investida em uma amiga de Elizabeth, a srta. Charlotte Lucas. A srta. Lucas aceitou o pedido de casamento com gratificante satisfação, e o futuro que a sra. Bennet e suas filhas podiam esperar foi selado, não de todo para a lástima geral dos vizinhos. Quando da morte do sr. Bennet, o sr. Collins as instalaria num dos maiores chalés da propriedade, onde receberiam conforto espiritual dos sacramentos por ele ministrados e sustento físico das sobras da cozinha da sra. Collins, reforçadas por presentes ocasionais como caças ou toucinho.

Felizmente, contudo, a família Bennet não precisou contar com tais benefícios. Ao fim de 1799, a sra. Bennet já podia congratular-se por ser mãe de quatro filhas casadas, embora admitisse que o casamento de Lydia, a filha mais nova, com apenas dezesseis anos de idade, não tivesse sido auspicioso. Lydia fugira de casa com o tenente George Wickham, um oficial da milícia que estava aquartelada em Meryton — uma imprudência que todos estavam certos de que iria terminar, como todas as aventuras desse tipo merecem, com a moça sendo abandonada por Wickham, expulsa da casa da família, rejeitada pela sociedade e, por fim, mergulhando na degradação final que o decoro proibia as senhoras de mencionar. O casamento, no entanto, havia se realizado, sendo noticiado pela primeira vez por um vizinho, William Goulding, que ficou sabendo do ocorrido quando cruzou com o coche de Longbourn na estrada e a recém-casada sra. Wickham pôs a mão na janela aberta

para que ele pudesse ver a aliança. A sra. Philips, irmã da sra. Bennet, foi incansável em seu esforço para divulgar sua versão da fuga, segundo a qual o casal estava a caminho de Gretna Green, mas fez uma breve parada em Londres para que Wickham pudesse informar sua madrinha de que ia se casar, quando então o sr. Bennet chegou à procura da filha e, em conversa com o casal, conseguiu convencer os dois a aceitar a sugestão da família de que seria mais conveniente realizar o casamento em Londres. Ninguém acreditou nessa fabulação, mas todos reconheceram que a imaginação demonstrada pela sra. Philips ao urdi-la merecia ao menos que fingissem acreditar. George Wickham, obviamente, jamais poderia ser aceito em Meryton de novo, sendo grande o temor de que se pusesse novamente a tirar a castidade das criadas e o lucro dos lojistas, mas todos concordavam que, caso fosse à cidade, a sra. Wickham deveria ser tratada com a mesma tolerante benevolência antes concedida à srta. Lydia Bennet.

Muito se especulou sobre como o casamento teria vindo afinal a realizar-se, ainda que com atraso. A propriedade do sr. Bennet mal rendia duas mil libras por ano, e era opinião geral que o sr. Wickham teria exigido no mínimo quinhentas libras de dote, além da quitação de todas as dívidas que contraíra não só em Meryton como em outros lugares, para consentir no casamento. Era possível que o sr. Gardiner, irmão do sr. Bennet, tivesse emprestado o dinheiro. O sr. Gardiner era conhecido como um homem generoso, mas ele tinha família e sem dúvida esperaria que o sr. Bennet lhe pagasse o empréstimo. Isso gerou uma considerável ansiedade na família Lucas, que receava que a herança do genro pudesse vir a ser reduzida em virtude da necessidade de pagar o empréstimo, mas, à medida que o tempo foi passando e nenhuma árvore foi derrubada, nenhum pedaço de terra foi vendido, nenhum empregado foi dispensado e o açougueiro continuou a fornecer à sra. Bennet sua costumeira provisão semanal sem dar nenhum sinal de relutância, os Lucas deduziram que o sr. Collins

e Charlotte não tinham nada a temer e que, assim que o sr. Bennet estivesse devidamente enterrado, o sr. Collins poderia tomar posse de Longbourn com toda a confiança de que a propriedade continuava intacta.

Já o noivado da srta. Bennet com o sr. Bingley de Netherfield Park, firmado pouco depois do casamento de Lydia, foi recebido com aprovação. Na verdade, o enlace não foi surpresa para ninguém; a admiração do sr. Bingley por Jane tinha ficado patente desde que os dois se conheceram num baile público. A beleza e a gentileza da srta. Bennet, somadas a um ingênuo otimismo em relação à natureza humana que a levava a jamais falar mal de ninguém, faziam com que ela fosse muito querida por todos. Mas, alguns dias depois de o noivado de sua filha mais velha com o sr. Bingley ser anunciado, a notícia de um triunfo ainda maior para a sra. Bennet chegou à cidade, sendo a princípio recebida com incredulidade. A notícia era de que a srta. Elizabeth Bennet, a segunda mais velha das irmãs, ia se casar com o sr. Darcy, o proprietário de Pemberley, uma das maiores mansões senhoriais de Derbyshire, e dono, segundo rumores, de uma renda de dez mil libras ao ano.

Era do conhecimento de todos em Meryton que a srta. Lizzy detestava o sr. Darcy, um sentimento, aliás, compartilhado pela maioria das damas e dos cavalheiros que estiveram presentes no primeiro baile público da cidade ao qual o sr. Darcy comparecera, acompanhado pelo sr. Bingley e pelas duas irmãs dele, e durante o qual o sr. Darcy dera mostras suficientes de seu orgulho e de seu arrogante desdém pela sociedade local, deixando claro, quando o sr. Bingley o incitou a dançar, que nenhuma mulher ali presente era digna de ser sua parceira de dança. De fato, quando Sir William Lucas apresentou Elizabeth a ele, o sr. Darcy absteve-se de convidá-la para dançar, comentando mais tarde com o sr. Bingley que ela não era bonita o bastante para tentá-lo. Era opinião geral que nenhuma mulher poderia ser feliz como sra. Darcy, pois, como disse Maria Lucas, “Quem ia querer ter aquele rosto antipático diante de si à mesa do café da manhã pelo resto da vida?”.

No entanto, não havia razão para condenar a srta. Elizabeth Bennet por adotar uma posição mais prudente e otimista. Não se pode ter tudo na vida, e qualquer moça de Meryton teria tolerado mais que um rosto antipático à mesa do café da manhã para poder contar com uma renda de dez mil libras ao ano e ser a senhora de Pemberley. As nobres senhoras de Meryton, como que por dever moral, estavam sempre prontas a se compadecer dos aflitos e felicitar os afortunados, mas em tudo era preciso haver moderação, e o triunfo de Elizabeth era grandioso demais. Embora admitissem que ela era graciosa e tinha belos olhos, eram da opinião de que Elizabeth nada mais tinha além disso que pudesse atrair um homem que dispunha de dez mil libras por ano; não demorou muito, uma rodinha das mais influentes mexeriqueiras da cidade urdiu uma explicação: a srta. Lizzy estivera empenhada em conquistar o sr. Darcy desde o momento em que os dois se conheceram. Quando a extensão da estratégia de Elizabeth ficou clara, todas concordaram que ela jogara seus trunfos com muita inteligência e habilidade desde o início. Embora o sr. Darcy tivesse se recusado a dançar com Elizabeth no baile, os olhos dele com frequência se voltavam para ela e sua amiga Charlotte, que, já estando há anos à procura de marido, tinha muita prática em identificar qualquer sinal de um possível interesse e havia aconselhado Elizabeth a não deixar que sua óbvia simpatia pelo belo e popular tenente George Wickham a fizesse ofender um homem dez vezes mais importante que ele.

Depois, houve o incidente ocasionado pela ida da srta. Bennet a Netherfield, atendendo a um convite dos Bingley para jantar. Por insistência da mãe, em vez de ir no coche da família, Jane fora a cavalo, o que a fizera pegar um conveniente resfriado no caminho, sendo então forçada, exatamente como tencionava a sra. Bennet, a passar algumas noites em Netherfield. Elizabeth, claro, foi visitar a irmã a pé, quando então a boa educação da srta. Bingley a impeliu a oferecer hospitalidade à visitante indesejada



até que Jane se recuperasse. Passar quase uma semana na companhia do sr. Darcy deve ter aumentado as esperanças de Elizabeth, e ela por certo havia tirado o melhor proveito possível dessa proximidade forçada.

Pouco depois, instado pela srta. Bennet mais nova, o próprio sr. Bingley ofereceu um baile em Netherfield, e nessa ocasião, sim, o sr. Darcy dançou com Elizabeth. As matronas e acompanhantes, enfileiradas em suas cadeiras encostadas à parede, levaram seus lornhões aos olhos e, como o resto dos convidados, observaram atentamente o par conforme avançava pelo salão. Certamente os dois não haviam trocado muitas palavras, mas só o fato de o sr. Darcy ter convidado a srta. Elizabeth para dançar e não ter recebido um não como resposta já era suficiente para despertar interesse e especulação.

A etapa seguinte da campanha de Elizabeth foi acompanhar Sir William Lucas e sua filha Maria numa visita ao sr. e à sra. Collins no presbitério de Hunsford. Em circunstâncias normais, esse era um convite que a srta. Lizzy com certeza teria recusado. Que prazer uma mulher racional poderia tirar de seis semanas em companhia do sr. Collins? Além disso, não era segredo para ninguém que, antes de ter seu pedido de casamento aceito pela srta. Lucas, era a srta. Lizzy quem o sr. Collins queria como noiva. Por uma questão de delicadeza e de consideração, Elizabeth deveria ter ficado longe de Hunsford. Mas ela devia saber que Lady Catherine de Bourgh era vizinha e protetora do sr. Collins, e que o sobrinho dela, o sr. Darcy, ficaria hospedado em Rosings enquanto os visitantes estivessem na casa do pároco. Charlotte, que mantinha a mãe informada de todos os detalhes de sua vida de casada, incluindo a saúde de suas vacas e galinhas e de seu marido, havia escrito em seguida para contar que o sr. Darcy e o primo, o coronel Fitzwilliam, que também estava passando alguns dias em Rosings, tinham feito várias visitas à residência paroquial durante a estadia de Elizabeth e que, uma vez, o sr. Darcy fora até lá sem o primo, quando Elizabeth estava sozinha. A

sra. Collins tinha certeza de que o fato de o sr. Darcy ter honrado Lizzy com essa visita era prova de que ele estava se apaixonando e escreveu que, na opinião dela, a amiga teria aceitado com satisfação um pedido de casamento de qualquer um dos dois cavalheiros, tivesse um pedido sido feito. A srta. Lizzy, no entanto, voltara para casa sem nada acertado.

Contudo, todos esses esforços foram recompensados quando a sra. Gardiner e o marido, que era irmão do sr. Bennet, convidaram Elizabeth para acompanhá-los numa viagem de veraneio. A intenção inicial era seguir rumo ao norte até o Distrito dos Lagos, mas os negócios do sr. Gardiner aparentemente os forçaram a encurtar a viagem e eles então decidiram seguir apenas até Derbyshire. Foi Kitty, a quarta filha dos Bennet, quem comunicou essa decisão aos vizinhos, mas ninguém em Meryton acreditou na justificativa. Uma família rica, que dispunha de meios para viajar de Londres até Derbyshire, certamente poderia estender a viagem até os lagos se quisesse. Era óbvio que a sra. Gardiner, uma parceira no plano matrimonial de sua sobrinha favorita, havia escolhido Derbyshire porque o sr. Darcy estaria em Pemberley. E, de fato, os Gardiner e Elizabeth, que sem dúvida deviam ter indagado na estalagem quando o senhor de Pemberley estaria em casa, faziam uma visita à mansão justo quando o sr. Darcy voltou. Naturalmente, por uma questão de cortesia, os Gardiner foram apresentados ao dono da casa e o grupo foi convidado a jantar em Pemberley; se a srta. Elizabeth ainda nutria alguma dúvida quanto à sensatez de seu plano de conquistar o sr. Darcy, a primeira visão de Pemberley só havia fortalecido sua determinação de se apaixonar por ele no primeiro momento oportuno. Pouco depois, ele e o sr. Bingley tinham voltado para Netherfield Park e tratado mais que depressa de fazer uma visita a Longbourn, onde a felicidade da srta. Bennet e da srta. Elizabeth foi por fim e triunfalmente assegurada. O noivado, apesar de magnífico, proporcionou menos prazer do que o de Jane. Elizabeth nunca fora popular; na

verdade, as senhoras mais perceptivas de Meryton às vezes tinham a impressão de que a srta. Lizzy ria delas no íntimo. Também a acusavam de ser sardônica e, embora houvesse certa dúvida quanto ao significado da palavra, sabiam que essa não era uma qualidade desejável numa mulher, sendo particularmente malquista pelos homens. Vizinhos cuja inveja desse triunfo excedia qualquer satisfação com a perspectiva da união podiam se consolar afirmando que o orgulho e a arrogância do sr. Darcy e o humor cáustico de sua esposa garantiriam que os dois vivessem na mais absoluta infelicidade juntos, para a qual nem Pemberley nem uma renda de dez mil libras ao ano poderia oferecer consolo.

Descontando o tempo gasto com aquelas formalidades sem as quais núpcias ilustres não poderiam ser consideradas válidas — como a pintura de retratos, a correria dos advogados, a compra de carruagens novas, do enxoval e das roupas para a cerimônia —, o casamento da srta. Bennet com o sr. Bingley e da srta. Elizabeth com o sr. Darcy foi realizado com surpreendente presteza, ambos no mesmo dia, na igreja de Longbourn. Teria sido o dia mais feliz da vida da sra. Bennet, não tivesse sido ela acometida por palpitações durante a cerimônia, suscitadas pelo temor de que a tia do sr. Darcy, a veneranda Lady Catherine de Bourgh, pudesse assomar à porta da igreja para proibir o casamento. Só mesmo depois da bênção final foi que a sra. Bennet conseguiu sentir-se segura de seu triunfo.

Não se sabe se a sra. Bennet sentiu falta da companhia de sua segunda filha, mas seu marido certamente sentiu. Elizabeth sempre fora a favorita do sr. Bennet. Ela tinha herdado a inteligência e um pouco da mordacidade do pai e, como ele, divertia-se com a insensatez e as incongruências dos vizinhos. A propriedade de Longbourn era um lugar mais solitário e menos racional sem ela. O sr. Bennet era um homem perspicaz e um leitor apaixonado, cuja biblioteca era tanto um refúgio quanto a fonte de suas horas mais felizes. Ele e Darcy chegaram rapidamente à conclusão de que gostavam um do outro e, a partir daí, como é

comum com amigos, aceitaram suas diferentes peculiaridades de caráter como provas do intelecto superior do outro. Quando visitava Pemberley, o que quase sempre fazia quando era menos esperado, o sr. Bennet passava a maior parte do tempo na biblioteca, uma das melhores bibliotecas particulares existentes, de onde era difícil extraí-lo, até mesmo para as refeições. Suas visitas aos Bingley em Highmarten eram menos frequentes, já que lá não só ele tinha de tolerar a preocupação excessiva de Jane com o conforto e o bem-estar do marido e dos filhos, coisa que às vezes achava irritante, como havia poucos livros e periódicos novos para tentá-lo. O dinheiro do sr. Bingley advinha originalmente do comércio. Ele não herdara nenhuma biblioteca de família e só havia pensado em montar uma depois que comprara a propriedade em Highmarten. Nesse projeto tanto Darcy quanto o sr. Bennet se mostraram mais que dispostos a colaborar. Existiam poucas atividades mais agradáveis do que gastar o dinheiro de um amigo para sua própria satisfação e para o bem dele, e, se os compradores periodicamente cediam à tentação de cometer extravagâncias, consolavam-se pensando que Bingley tinha dinheiro para arcar com elas. Embora as estantes da biblioteca, feitas segundo as especificações de Darcy e aprovadas pelo sr. Bennet, ainda não estivessem de forma alguma cheias, Bingley podia se orgulhar da elegante disposição dos volumes e do lustroso couro das encadernações; às vezes até abria um livro e era visto lendo, quando a estação ou o tempo não eram propícios para a prática da caça, da pesca ou do tiro.

A sra. Bennet só havia acompanhado o marido nas visitas a Pemberley em duas ocasiões. Fora tratada pelo sr. Darcy com gentileza e benevolência, mas sentia-se por demais intimidada pelo genro para querer repetir a experiência. Na verdade, Elizabeth suspeitava que a mãe sentia mais prazer encantando os vizinhos com as maravilhas de Pemberley, o tamanho e a beleza dos jardins, a suntuosidade da casa, o número de criados e o esplendor da mesa de jantar,

do que desfrutando-as. Nem o sr. Bennet nem a esposa visitavam os netos com muita frequência. Cinco filhas nascidas uma logo atrás da outra haviam deixado neles uma vívida lembrança de noites de sono interrompido, bebês aos berros, uma babá-chefe que se queixava constantemente e babás subalternas recalcitrantes. Após fazer uma inspeção preliminar pouco depois do nascimento de cada neto para confirmar a veracidade das asseverações dos pais de que a criança era a coisa mais linda do mundo e já exibia uma inteligência assombrosa, eles se contentavam em receber relatos regulares do desenvolvimento dos netos.

Para grande constrangimento de suas duas filhas mais velhas, a sra. Bennet havia proclamado em voz alta no baile realizado em Netherfield que acreditava que o casamento de Jane com o sr. Bingley fosse abrir caminho para que suas filhas mais novas encontrassem também maridos ricos e, para surpresa geral, foi Mary quem obedientemente cumpriu essa compreensível profecia materna. Ninguém esperava que ela se casasse. Era uma leitora compulsiva, mas sem discriminação nem entendimento; uma assídua praticante de piano, mas desprovida de talento; e uma frequente propagadora de trivialidades que não eram nem sagazes nem espirituosas. Certamente nunca havia demonstrado interesse pelo sexo masculino. Um baile público, para ela, era uma penitência a ser suportada apenas porque lhe oferecia uma oportunidade de ocupar o lugar de centro das atenções ao sentar-se ao piano e, por meio do uso judicioso do pedal de surdina, deixar a plateia embasbacada e submissa. Mas, dois anos depois do casamento de Jane, Mary já era esposa do reverendo Theodore Hopkins, reitor da paróquia adjacente a Highmarten.

Como o vigário de Highmarten andava indisposto, o sr. Hopkins havia celebrado os ofícios três domingos seguidos. Magro, melancólico e solteiro aos trinta e cinco anos, ele era dado a pregar sermões excessivamente longos e teologicamente complexos, portanto, havia naturalmente adquirido a reputação de ser um homem muito inteligente.

E, embora não pudesse ser considerado rico, dispunha de uma renda particular bastante razoável, além dos proventos de reitor. Mary, que estava hospedada em Highmarten num dos domingos em que o sr. Hopkins pregou, foi apresentada a ele por Jane na porta da igreja depois do culto e imediatamente o impressionou com seus elogios ao sermão proferido, com seu apoio à interpretação que ele dera ao texto e com referências tão frequentes à relevância dos sermões para moças de James Fordyce, que Jane, ansiosa pelo marido e por si própria para voltar para casa, onde os aguardava um almoço com saladas e carnes frias, convidou o reverendo para jantar com eles no dia seguinte. Outros convites se seguiram e, três meses depois, Mary se tornou a sra. Theodore Hopkins, num casamento que despertou um interesse público tão discreto quanto a cerimônia.

Uma vantagem para a paróquia foi que a comida servida no presbitério melhorou de forma notável. Um dos cuidados que a sra. Bennet tivera ao criar as filhas fora ensinar-lhes como uma boa mesa era importante para promover a harmonia doméstica e atrair visitas do sexo masculino. Os paroquianos tinham esperança de que o desejo de retornar prontamente à felicidade conjugal fizesse o vigário encurtar os ofícios, mas, embora a cintura do sr. Hopkins tenha ficado maior, o tamanho dos sermões continuou o mesmo. Os dois se adaptaram à vida de casados em perfeito acordo, salvo inicialmente, em virtude da exigência de Mary de que ela tivesse um quarto de leitura só seu, onde pudesse ler em paz. Tal exigência foi atendida reservando-se o único bom quarto de dormir sobressalente para o uso exclusivo de Mary, o que trouxe a vantagem não só de promover a concórdia doméstica, mas também de impossibilitar que eles convidassem parentes para se hospedar na casa.

No outono de 1803, ano em que a sra. Bingley e a sra. Darcy celebraram seis anos de seus felizes casamentos, a sra. Bennet tinha apenas uma filha para quem um marido ainda não fora encontrado: Kitty. Nem a sra. Bennet nem

Kitty estavam muito preocupadas com esse fracasso matrimonial. A moça desfrutava o prestígio e a indulgência de ser a única filha em casa e, com suas visitas regulares à casa de Jane, onde era muito querida pelas crianças, gozava uma vida que nunca antes fora tão satisfatória. Além disso, as visitas de Wickham e Lydia estavam longe de ser uma boa propaganda para o casamento. Eles chegavam muito alegres e bem-humorados e eram recebidos com grande entusiasmo pela sra. Bennet, que sempre ficava exultante ao rever sua filha favorita. Mas essa alegria inicial logo degenerava em brigas, recriminações e queixas ressentidas por parte dos visitantes contra a pobreza em que viviam e a avareza do auxílio financeiro que recebiam de Elizabeth e de Jane, de modo que a sra. Bennet ficava tão contente em vê-los ir embora quanto ficava em recebê-los de volta na visita seguinte. Mas ela precisava de uma filha em casa, e Kitty, que se tornara muito mais amável e prestativa depois da partida de Lydia, estava se saindo bem. Em 1803, portanto, a sra. Bennet podia ser considerada uma mulher feliz até onde sua natureza permitia, e havia inclusive conseguido passar um jantar de quatro pratos inteiro na presença de Sir William e Lady Lucas sem se referir uma única vez à injustiça do vínculo a que Longbourn estava submetida.